

REPRESENTAÇÕES SOCIAIS SOBRE IDENTIDADE E TRABALHO DOCENTE: A FORMAÇÃO INICIAL EM FOCO

SHIMIZU, Alessandra de Moraes – UNESP

GOMES, Alberto Albuquerque – UNESP

ZECHI, Juliana Aparecida Matias – UNESP

MENIN, Maria Suzana de Estefano – UNESP

LEITE, Yoshie Ussami Ferrari – UNESP

GT-08: Formação de Professores

1 Introdução

O presente estudo tem como objeto de investigação as representações de estudantes do ensino superior sobre o trabalho e a identidade docente. Essa temática alia-se à da formação de professores e se impõe como extremamente importante no Brasil. Nesse sentido, a Teoria das Representações Sociais tem se mostrado especialmente útil à área da Educação e fértil em trabalhos sobre o professor.

A Teoria das Representações Sociais, criada por Moscovici (2003), já há algumas décadas, tem servido, no cenário brasileiro, de subsídio para estudos no campo da Educação (ARRUDA, 2005; SOUSA, 2002) e tem contribuído para os estudos sobre o professor. Menin e Shimizu (2005) identificaram que, dos 138 trabalhos encontrados nos últimos congressos nacionais e internacionais em Representação Social e Educação (2000 a 2003), 58 se referiram a representações de professores ou sobre eles e se voltavam aos mais diversos aspectos ligados à função de professor, tais como: alunos, diretores, profissão docente, avaliação escolar, aprendizagem, estudo, escolas, identidade docente, disciplina, conteúdos escolares específicos e outros.

As reflexões sobre a profissão docente têm assumido um significado especial quando se trata sobre a formação de professores e seus espaços de atuação. Na década de 1990, alguns estudos tiveram o mérito de reconsiderar a importância do trabalho docente trazendo uma nova perspectiva às pesquisas sobre esses sujeitos, como os de Nóvoa (1995a); Nóvoa, (1995b); Nóvoa (1995c). Cabe destacar aqui que tais estudos implicam na investigação sobre a identidade profissional do professor, ou seja, uma maneira de ser professor, considerando-se que a ação profissional do mesmo está condicionada por uma série de outros fatores e inserida num processo muito mais amplo que o seu espaço/tempo de atuação.

Analisar a condição do trabalho docente por essa perspectiva implica em considerar que o sujeito em formação para a docência, tanto no processo de formação

inicial, como decorrente do exercício profissional, apresenta uma identidade profissional construída de acordo com as expectativas que os demais membros de seu grupo de pertença têm sobre os papéis a serem desempenhados. Isso nos permite inferir que o professor recebe um tipo de formação que pretensamente o prepara para atuar no magistério, com acesso aos conhecimentos profissionais especializados; aos aspectos específicos da ética profissional (Deontologia) e ao sentido de responsabilidade e compromisso profissional. Ou seja, o conceito de profissão é uma construção que exige o desenvolvimento de alguns requisitos: o domínio de um saber especializado adquirido através de uma formação profissional estruturada; uma identidade e um sentimento de pertença em relação ao grupo profissional; e o domínio de um código deontológico que determina e regula um conjunto de deveres e responsabilidades profissionais.

Através da Teoria das Representações Sociais podemos supor, por outro lado, que existe uma série de conhecimentos sobre o ser professor, sobre o trabalho e a profissão docente que não fazem parte propriamente da dita da formação universitária; mas que estão na cultura, nas experiências anteriores, nas vivências como alunos, nas práticas e conversações cotidianas, como diria Moscovici (2003). Esses conhecimentos de senso comum sobre o trabalho docente podem coexistir com aqueles transmitidos na academia, oferecerem obstáculos a novas aquisições, ou mesmo resistirem a mudanças frente a novas informações (JODELET, 2001; GILLY, 2001; FLAMENT, 2001). Podem ainda mudar só superficialmente, em seus aspectos periféricos, mas continuarem a oferecer, em sua centralidade, idéias sobre a docência que estão defasadas em relação às necessidades atuais de formação e demanda (ABRIC, 1994, 2000).

O objetivo geral da presente pesquisa foi caracterizar as representações sociais de estudantes universitários sobre a identidade e o trabalho docente, buscando identificar seus elementos constituintes e compreender a dinâmica da sua organização. Foi definido como objetivo específico analisar as representações construídas por alunos dos Primeiros e Últimos anos dos cursos superiores de Licenciatura e Pedagogia.

Fundamentados nesses objetivos, apontamos como hipóteses norteadoras os pressupostos de que: as representações dos participantes sobre a identidade e o trabalho docente mostrarão modificações em função do tempo de permanência e das áreas dos cursos em foco; e os elementos centrais das representações do trabalho do professor poderão ser comuns aos diferentes alunos, não provir de formação acadêmica e sim de elementos mais gerais da cultura brasileira.

2 Metodologia

A fim de investigar as representações sobre a identidade e o trabalho docente que estudantes em formação para professor podem ter em diferentes momentos de sua graduação, foi aplicado, ao final de 2006, um questionário junto a 278 alunos, dos Primeiros e Últimos anos, dos cursos de Licenciaturas (Matemática, Física, Geografia e Educação Física) e de Pedagogia da Faculdade de Ciências e Tecnologia da UNESP, campus de Presidente Prudente. A aplicação do questionário ocorreu em sala de aula para todos os alunos presentes, após a apresentação de Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Todos os questionários aplicados foram utilizados na pesquisa.

O questionário utilizado foi o mesmo que vem servindo de base para vários grupos de outros pesquisadores, todos ligados ao “xxx” (nome suprimido para não identificação), e que tem a finalidade de prover uma pesquisa conjunta com várias universidades brasileiras e estrangeiras a respeito das representações sobre o trabalho docente.

O questionário foi composto de três partes. Numa, foram investigadas as associações livres dos alunos a respeito de três palavras indutoras: DAR AULAS, ALUNO, e PROFESSOR. Noutra parte, o questionário apresentou-se como se fosse uma carta com vinte questões sobre vários aspectos do trabalho docente (formação, representações sobre o futuro aluno, os professores, sugestões para melhorar o ensino, imagens sobre a profissão, opinião da família e amigos sobre a escolha da profissão docente). Na terceira parte do questionário, apresentou-se um conjunto de questões que visaram levantar dados de perfil pessoal e sócio-econômico dos respondentes.

Neste texto serão abordadas as respostas dos participantes às associações livres e àquelas questões sobre a opinião dos amigos e familiares em relação à escolha da profissão docente.

Para a análise dos dados, as respostas às questões de associação livre foram tratadas pelo software EVOC 2002 (*Ensemble de Programmes Permettant L'analyse des Evocations*, de Verges; versão 2002) que busca identificar nas representações seus elementos centrais e periféricos. Procuramos realizar um EVOC Geral para cada uma das palavras indutoras DAR AULAS, ALUNO E PROFESSOR, assim como investigar como os elementos centrais dessas representações variaram, ou não, nas diferentes subpopulações, quando comparados os alunos da Pedagogia *versus* os das Licenciaturas ou dos Primeiros anos *versus* os dos Últimos anos.

As respostas às questões abertas sobre a opinião da família e a dos amigos acerca da escolha em ser professor foram tratadas pelo software ALCESTE (*Analyse Lexicale par Contexte d' un Ensemble de Segments de Texte* de Max Reinert, 2005) em busca da identificação de classes de representações e suas correlações com as principais características dos alunos respondentes.

3 Resultados

3.1 O Perfil dos alunos pesquisados

O questionário foi aplicado junto a 278 alunos, sendo 95 alunos do curso de Pedagogia e 183 alunos de outras Licenciaturas (Matemática, Física, Geografia e Educação Física) da Faculdade de Ciências e Tecnologia da UNESP, campus de Presidente Prudente. Desse total, 145 alunos (52%) eram alunos do Primeiro ano, dos quais 91 matriculados nas Licenciaturas e 54 no curso de Pedagogia; e 133 pesquisados (48%) eram alunos do Último ano, dos quais 92 nas Licenciaturas e 41 do curso de Pedagogia.

Do total de alunos pesquisados, 63% dos alunos eram do sexo feminino, e 37% do sexo masculino. Desses, o número de mulheres era maior entre as matrículas no curso de Pedagogia (95%) em relação às demais Licenciaturas (46%) e, portanto, o número de homens se apresentou maior entre os alunos de Licenciatura (54%) em relação aos alunos da Pedagogia (5%).

De acordo com os dados, 47% dos alunos tinham de 20 a 23 anos; 27% entre 17 a 19 anos; 18% de 24 a 30 anos e 8% mais de 31 anos. Houve um predomínio de alunos com idade mais avançada entre os matriculados no curso de Pedagogia, comparados aos alunos das demais Licenciaturas.

Em relação à etnia, do total dos alunos, 72% afirmaram que se consideram brancos, 13% se consideram pardos, 8% negros, 7% amarelos, e, 1% se considerou indígena.

Para 72% dos alunos pesquisados, sua família contribui financeiramente para sua manutenção e 28% disseram que não contam com essa ajuda.

Do total dos alunos, 63% disseram que a renda mensal de sua família é de 3 a 10 salários-mínimos; 25% afirmaram que a renda mensal é de até 3 salários-mínimos e apenas 12% disseram que a renda é de mais de 10 salários-mínimos. Percebe-se que as famílias dos alunos de Licenciatura possuem renda maior ou igual a três salários em relação à dos alunos da Pedagogia.

3.2 As associações livres às palavras indutoras DAR AULAS, ALUNO e PROFESSOR

As associações com a palavra DAR AULAS produziram, nos 278 alunos da amostra total dos alunos, 1124 palavras, das quais, 302 foram palavras diferentes. No programa *Rangmot* do EVOC, pudemos ver que 33% das palavras ditas (375) tiveram uma frequência mínima menor que cinco e não foram consideradas para a análise da composição do Núcleo Central (NC) e dos elementos periféricos. Para esta composição consideramos as palavras que tiveram frequência maior que cinco e intermediária de 12. A ordem de evocação das palavras também foi computada no EVOC. Dessa forma, para a palavra DAR AULAS, foram consideradas como representações do Núcleo Central as palavras com frequência maior que 12 e ordem de evocação menor que 2,5.

Considerando tanto os alunos da Pedagogia como os da Licenciatura nos seus Primeiros ou Últimos anos, obtivemos como representações centrais o seguinte: uma atividade *do professor aos alunos para ensinar e/ou educar na escola, em sala de aula ou classe, e que deve ser feita com compromisso e/ou responsabilidade*. Juntaram-se a esses elementos estruturais da representação outras competências e qualidades da atividade, como a *dedicação*, além do *compromisso*, exigindo-se competências técnicas como: *ter conhecimento, produzir aprendizagem, ter didática, metodologia*. Destacou-se uma forma de relacionamento com alunos: *de respeito e de disciplina*. Enfim, DAR AULAS apareceu como uma profissão à qual se pode ter *amor e prazer*, mas que pode colocar *desafios, dificuldade e medo*.

Quando passamos a comparar as quatro sub-populações de alunos, ou seja, os alunos da Pedagogia *versus* os da Licenciatura ou os dos Primeiros anos *versus* os dos Últimos anos, notamos que as associações foram muito semelhantes entre si e todas elas repetiram, basicamente, os mesmos elementos representacionais que apareceram no núcleo central do EVOC Geral. Assim, DAR AULAS continuou aparecendo como uma atividade oferecida *pelo professor aos alunos, para ensinar/educar, com responsabilidade ou compromisso*. Podemos concluir, com Abric (1994, 2000) ou Flament (1994, 2001) que este parece ser o centro organizador da representação de DAR AULAS. Uma atividade formal, no espaço escolar, com uma finalidade específica e realizada com compromisso pelo professor. As demais características, como as competências técnicas do professor, as formas de relacionamento com os alunos, os materiais utilizados, parecem poder variar com o tempo ou época, o lugar e a cultura e,

por isso, aparecem como periféricos e não mudam o significado central da representação.

Em relação aos dados das associações livres sobre a palavra indutora ALUNO dos estudantes de Pedagogia e Licenciatura dos Primeiros e Últimos anos quando tratados pelo EVOG – foram produzidas 1110 palavras, destas, 398 foram diferentes. Foram consideradas como representações do Núcleo central as palavras com frequência maior ou igual a 14 e ordem de posição menor que 2,5.

Na análise geral, entre as palavras que compuseram o núcleo central de ALUNO, destacaram-se as funções básicas da educação e sua finalidade: *aprendizagem*, *ensinar* e *educação*; o para quem: se ensina: o *aluno* ou a *criança*, e o local onde acontece: a *escola*. Foi enfatizada a relação de conflito presente na sala de aula através das palavras *bagunça* x *respeito* e *disciplina* e as características que o aluno deveria ter; *amigo* e *interesse*, demonstrando, provavelmente, a representação de “aluno ideal” (RANGEL, 1997). Em resumo, o *aluno* foi representado como aquele que vai à *escola* em busca da *aprendizagem*, do *ensino* e *educação*, mas essa relação é marcada pelo conflito entre a *bagunça* do aluno e o *respeito* e a *disciplina*, suscitando o desejo de um aluno *amigo* e com *interesse*.

Examinando as associações à palavra ALUNO nas quatro sub-populações de estudantes, vimos que os núcleos centrais foram muito semelhantes, repetindo, basicamente, os mesmos elementos representacionais que apareceram no núcleo central do EVOG Geral. Dessa forma, continuou em destaque a função básica da educação: *aprendizagem*, presente em todas as sub-populações, e *ensinar*, presente nos NC dos alunos da Licenciatura, Pedagogia, Último ano e na primeira periferia dos alunos dos Primeiros Anos; para quem ensinar: o *aluno* ou a *criança* e o local onde isso acontece: a *escola*. A palavra *criança* apareceu no NC de Licenciatura e Primeiro ano, na segunda periferia dos alunos de Pedagogia e terceira periferia dos alunos dos Últimos Anos. Também esteve presente nas sub-populações a relação de conflito existente em sala de aula ressaltada pelas palavras *bagunça* - presente no NC de Licenciatura, Primeiro e Último ano e na segunda periferia de Pedagogia - que se contrapôs às palavras *respeito*, presente no NC de Pedagogia e Último ano e na primeira periferia do Primeiro ano e segunda periferia de Licenciatura, e *interesse*, que aparece no NC de Licenciatura.

Certas palavras foram específicas ao NC de uma ou outra sub-população. *Amigo*, por exemplo, surgiu só entre os alunos das Licenciaturas e alunos dos Últimos anos; não apareceu nas demais sub-populações. A palavra *estudo*, que compareceu no

NC dos alunos dos Primeiros Anos, apareceu na segunda periferia dos alunos da Licenciatura.

Em relação ao segundo quadrante, a palavra *futuro* apareceu entre os alunos da Licenciatura, Primeiros e Últimos Anos e no último quadrante dos alunos da Pedagogia. A palavra *professor* apareceu no segundo quadrante das sub-populações Pedagogia, Licenciatura e Primeiro ano, não sendo citada entre os alunos dos Últimos anos. A palavra *disciplina* apareceu no terceiro quadrante em todas as sub-populações.

Assim, houve pequenas diferenças entre as representações das sub-populações em relação à palavra ALUNO, mas estas aconteceram apenas de forma mais periférica. De modo geral, o ALUNO é aquele que vai à *escola* em busca da *aprendizagem* e do *ensinar* transmitido pelo *professor*, mas essa relação é marcada pelo conflito entre a *bagunça* do aluno e o *respeito*, gerando entre as sub-populações o desejo de um aluno com *interesse e disciplina*.

No que tange à palavra indutora PROFESSOR, foram obtidas 1117 palavras associadas e, destas, 418 diferentes, entre os 278 alunos. No primeiro quadrante do EVOC, com palavras com frequência maior ou igual a 13 e em ordem de posição menor que 2,5 – indicando o NC, podemos ver que se destacam as funções do professor: *ensinar, educador, mediador; professor*. Seguiu-se sua qualidade de *amigo*; a quem ensina: o *aluno*; o local em que se é professor: a *escola*; e a *responsabilidade* da profissão foi novamente enfatizada, como aconteceu com a palavra DAR AULAS. Como competência técnica, apareceu o *conhecimento*. Resumindo, e contando com os elementos do núcleo central, a representação do PROFESSOR pareceu ser: *aquele que ensina/educa, ao aluno, na escola, como amigo, com responsabilidade e conhecimento*.

Examinando as associações à palavra PROFESSOR nas quatro sub-populações de alunos, vimos que os núcleos centrais foram muito semelhantes. O professor é *educador, mediador, que ensina ao aluno, na escola, com responsabilidade*. Este professor é o *amigo*, nos NC da Licenciatura, e dos Primeiros anos, e no segundo quadrante dos alunos dos Últimos anos (embora uma das palavras mais frequentes) e na terceira periferia da Pedagogia.

Certas palavras foram específicas ao NC de uma ou outra sub-população. *Inteligência*, por exemplo, surgiu só entre os alunos dos Primeiros anos e no terceiro quadrante das Licenciaturas; não apareceu nas demais sub-populações. A palavra *paciência* apareceu no NC da Pedagogia enquanto foi bem periférica nas três outras sub-populações. A palavra *profissão*, que compareceu no NC dos alunos dos Últimos

anos, apareceu na segunda periferia do Primeiro ano e na terceira da Pedagogia. Em relação ao segundo quadrante, os alunos das Licenciaturas e os dos Primeiros anos tiveram a mesma palavra, *respeito*, aparecendo sozinha. Na Pedagogia e nos Últimos anos essa palavra surgiu na última periferia. Já a palavra *amor* surgiu periférica em três sub-populações e não apareceu entre as associações dos Primeiros anos.

Assim, houve pequenas diferenças entre as representações das sub-populações em relação à palavra PROFESSOR, mas estas aconteceram apenas de modo mais periférico. De forma geral, o PROFESSOR continuou sendo aquele que *ensina/educa a alunos, na escola, sendo amigo, e mostrando responsabilidade/compromisso*.

3.3 Representações sobre a opinião da família e dos amigos na escolha profissional: “ser professor”

Procuramos, em continuidade, identificar as representações dos alunos sobre a opinião de seus familiares e amigos acerca da escolha do magistério enquanto atividade profissional. Assim, cada participante respondeu, primeiramente, se seus respectivos familiares acreditavam se o mesmo fez, ou não, uma boa escolha profissional e, em seguida, se seus amigos falavam que ser professor valia, ou não, a pena. Para cada questão, foi solicitada a justificativa à resposta dada.

Utilizamos o Programa ALCESTE (*Analyse Lexicale par Contexte d' un Ensemble de Segments de Texte* de Max Reinert, 2005) para investigar a presença de classes de respostas e sua correlação com as justificativas dadas. Todas as respostas dos alunos foram digitadas de forma a serem colocadas no mesmo, acompanhadas das características dos participantes para futura identificação de variáveis na operacionalização do programa. As variáveis que destacaremos no presente texto serão: curso do respondente e ano em que se encontrava.

Em relação ao funcionamento do programa Alceste, utilizado para a análise, segundo Veloz, Nascimento-Shulze e Camargo (1999) e Camargo (2005) o mesmo realiza as seguintes etapas de análise: preparo do material através do reconhecimento das Unidades de Contexto Inicial (UCI) que consistem, nesta pesquisa, nas próprias respostas à questão aberta foco da análise; divisão das UCI em segmentos de texto, denominadas Unidades de Contexto Elementar (UCE); realização de cálculos que classificam as UCE com base nas palavras que as compõem e divisão das UCE em

classes; e fornecimento das UCE mais características, o que possibilita a contextualização de seus respectivos vocábulos.

No que tange à questão sobre a **opinião da família**, a maioria dos respondentes (81%) apontou que suas respectivas famílias acreditavam que os mesmos haviam feito uma boa escolha. Não houve diferenças significativas entre o tipo de curso (Licenciatura ou Pedagogia) e o ano de matrícula (Primeiro ou Último).

Na análise das justificativas, realizada por meio do programa ALCESTE, o mesmo dividiu o *corpus* em 259 UCE e classificou para análise 202 UCE, o que representa 78% de aproveitamento do material. Como resultado da análise, foram geradas sete classes diferentes, sendo que em cinco delas predominou a representação, seja implícita ou explícita, de que os familiares dos respondentes apoiavam a escolha do magistério, com diferentes justificativas a respeito; em uma delas houve apoio à autonomia da escolha profissional do aluno, independente de qual a mesma fosse, e em uma delas não houve o apoio da família à escolha do magistério.

Dentre as cinco classes que indicaram que a família era favorável ao magistério, em quatro delas estiveram presentes justificativas que expressaram uma posição mais positiva em relação à profissão. As classes, palavras e variáveis associadas – estas últimas apenas quando presentes – foram: classe 1 (com 21% do total de UCE analisadas): *profissão, escolha, uma, carreira, seguir, gratificante, boa, deve e acreditar*; classe 3 (com 13%): *educação, formar, área, futuro, posso, quero, uma, sociedade e curso*, sendo que contribuíram mais com essa classe os respondentes do Último ano dos cursos investigados; classe 5 (com 8%): *professor, falta, aluno, emprego, curso, fazendo, importante, estou, futuro*, e classe 6 (com 7%): *trabalho, campo, mercado, amplo e ganha*.

Nessas classes houve a predominância de representações mostrando que os familiares acreditavam que foi feita uma boa escolha devido aos seguintes fatores: havia a identificação dos respondentes com o magistério; era uma profissão importante e gratificante, e proporcionava uma carreira estável, com boas oportunidades de emprego, já que faltavam professores no mercado de trabalho. Seguem falas ilustrativas:

Acreditam que essa profissão está sendo muito solicitada no mercado de trabalho e também por ser uma profissão gratificante. (Participante 124, Classe 1)

É um campo que possui muitas alternativas de trabalho. (Participante 68, Classe 6)

Dentre as classes explicitadas acima, destacamos que foi na classe 3 (representando 13% das UCE) a ocorrência mais proeminente de falas que ressaltaram que a escolha profissional se deu porque acreditavam na importância da educação para o desenvolvimento e, até mesmo, transformação da sociedade, e que seus familiares compartilhavam essa crença. Os participantes destacaram a satisfação e orgulho em estarem no campo educacional, apontando a relevância da formação que estavam tendo, e esperavam que em um futuro próximo pudessem contribuir socialmente nos seus respectivos papéis de educadores. É importante destacar que essa classe se associou aos alunos dos Últimos anos dos dois cursos investigados. Exemplo de fala:

A atuação do educador em sala de aula é muito importante dentro de uma sociedade, que esta, por sua vez, pode ser mudada com a participação efetiva do professor. (Participante 157, classe 3)

A classe 4 (com 9% das UCE analisadas), que teve como respondentes com maior força de associação à mesma os alunos do curso de Pedagogia, apresentou as seguintes palavras típicas: *criança, ensinar, tenho, com, trabalho, adoro, aluno e realização*. Nessa classe, os participantes afirmaram que suas escolhas estavam fundamentadas no prazer de ensinar, de lidar e se relacionar com crianças, e de vê-las se desenvolvendo. Seus familiares acreditavam nesse “dom” e “potencial” de ensinar e de trabalhar com crianças. Segundo os respondentes, eram esses ideais e aspectos que os incentivavam a se dedicarem à área:

Acreditam que eu tenho aptidão e paciência para lidar com crianças. (Participante 247, classe 4)

Já a classe 7, que apresentou o maior número de UCE analisadas (22%), teve como palavras associadas: *fazer, gostar, eu, o que, sempre, apoio, decisão*. A variável descritiva da classe foi pertencer ao curso de Licenciatura. Nessa classe predominaram respostas indicativas de que os participantes possuíam o apoio de seus respectivos familiares em relação à escolha profissional, uma vez que estavam satisfeitos com a própria escolha. Relataram que seus familiares sempre aprovavam suas escolhas, desde que demonstrassem a satisfação pessoal decorrente da mesma:

Eles apóiam no que eu gosto de fazer e aceitam naturalmente. (Participante 66, classe 7)

Em prosseguimento, está a classe 2, que se diferenciou das demais por explicitar que não havia o apoio dos familiares em relação à escolha dos respondentes

pelo magistério. A composição dessa classe deu-se pelo terceiro maior conjunto de UCE analisadas (19%), comparando as seguintes palavras: *professor, valorizado, família, financeira, difícil, desvalorizado, não, pouco, profissional, ganha e sociedade*. As representações mais evidentes foram as de que a profissão docente é muito desvalorizada, seja financeira, profissional e socialmente, e que apresenta muitas adversidades. A maioria dos familiares não apoiava suas escolhas devido às condições atuais e dificuldades que o professor passava. Destacaram, ainda, o desrespeito social à categoria profissional e as poucas perspectivas de futuro relacionadas a tal escolha:

*Meus familiares acham a vida de um professor muito difícil e uma profissão muito desvalorizada e não aprovam minha escolha.
(Participante 43, classe 2)*

Os respondentes deveriam indicar, também, se **seus amigos falavam se valia a pena, ou não, ser professor**. Imediatamente, era requerido o porquê da resposta dada.

A maior parte dos alunos (75%) apontou que seus amigos diziam que não valia a pena ser professor. Não foram encontradas diferenças marcantes entre o tipo de curso e o ano de matrícula.

Na análise da justificativa, o programa ALCESTE dividiu o *corpus* em 264 UCE e classificou para análise 183 UCE, o que representa 69% de aproveitamento do material textual analisado. O programa gerou sete classes diferentes. Em seis classes houve a ocorrência de frases com representações indicativas de que não valia a pena ser professor, segundo o ponto de vista dos amigos, e em apenas uma classe apareceu que o magistério valia a pena.

As seis classes em que ficou evidente a não valorização da profissão docente, segundo as expectativas dos respondentes sobre a opinião dos amigos, demonstraram conteúdos muito parecidos. Assim, apresentaremos as palavras de associação específicas de cada classe e, em seguida, no geral, os sentidos das mesmas e algumas frases ilustrativas. Ressaltamos que em nenhuma classe houve a associação com as variáveis descritivas enfocadas neste texto (curso e ano).

As palavras associadas foram: na classe 1 (com 21% das UCE analisadas): *profissão, desvalorizada, faz, ganha, sofre, pouco, muito*; na classe 2 (com 14%): *baixo, salário, falta, muita, indisciplinados e condições*; na classe 3 (com 13%): *trabalho, reconhecido, ganha, recebe, valorizado, pouco e hoje*; na classe 5 (com 9%):

remuneração, baixa, vida, desafio, dia, recebe, trabalho e devido; na classe 6 (com 8%): dar, crianças, aula, dizem, sala, mais e hoje; e na classe 7 (com 27%): aluno, respeito, não, professor, remunerado, maioria, ensino, governo, humano, aprende, desinteressado e desrespeito.

Em todas essas classes encontramos representações de que seus amigos não os apoiavam na escolha em foco, com base na concepção de que a profissão docente é muito desvalorizada, mal remunerada, exige muito esforço para pouquíssimo retorno, seja financeira ou socialmente. Nessas classes, ficou marcante a questão da desvalorização, especialmente no que tange às questões salariais e condições de trabalho da categoria docente, como falta de apoio, de materiais e de incentivo para a formação continuada. Seguem exemplos:

Você sofre demais para ganhar muito pouco. (Participante 83, classe 1)

É desmotivadora, desgastante, e os salários são baixos devido ao trabalho que temos. (Participante 264, classe 3)

Além dessas representações consensuais, foi possível identificar aspectos específicos em algumas classes, como nas classes 2, 6 e 7, em que se focalizou a questão da indisciplina, do desrespeito dos alunos ao professor, e da dificuldade em ministrar aulas nos dias de hoje devido a esses fatores. Ressaltou-se o fato das crianças estarem, segundo eles, muito mal educadas, o que era um empecilho para o desenvolvimento do trabalho docente e para a convivência:

Encontram muita dificuldade como, por exemplo, escolas com falta de materiais, alunos indisciplinados, baixos salários e, às vezes, má formação dos professores. (Participante 24, classe 2)

Na classe 7 foi expresso, ainda, o papel de passividade do governo diante da precariedade da educação:

É desgastante, o salário não compensa, os alunos em sua maioria não respeitam os professores e o governo atua de forma medíocre no ensino público. (Participante 19, classe 7)

Temos, também, um diferencial na classe 5, em que apesar de ser enfatizado que não valia a pena ser professor, boa parte dos respondentes ressaltou que exercer a profissão docente representava um grande desafio. Esse aspecto apareceu em dois sentidos: ora como mais um obstáculo e fator de desmotivação, enfatizando-se as precárias condições materiais inerentes, ora como aquilo que motivava e incitava a

permanência na área, como algo a ser sempre superado, uma vez que o professor a cada dia encontrava novas situações e novos desafios na sua prática pedagógica:

Cada dia se encontram novos desafios e respostas que estimulou continuar dando aulas. (Participante 158, classe 5)

Remuneração baixa, além dos grandes desafios que perpassam a vida de um educador. (Participante 257, classe 5)

Como contraponto, apresentou-se a classe 4 por 9% das UCE analisadas, e com as palavras: *escola, educação, ganha, vez, cada, ensino, você, mais, todos e sociedade*. Não obstante nessa classe estarem presentes, também, falas que denunciaram as condições ruins do exercício docente e da escola atual – a má remuneração, a violência, o desrespeito ao professor, o estresse e a falta de reconhecimento – houve a presença de falas que defendiam que valia a pena ser professor devido à realização profissional decorrente do ato de ensinar e de ser um educador. Foi destacada, ainda, a satisfação em se ver o resultado desse trabalho nos alunos:

As esperanças depositadas no profissional da educação são muitas, a esperança de um ensino de qualidade para uma vida melhor. (Participante 110, classe 4)

Enfim, identificamos representações que, de um lado revelam uma visão mais positiva da profissão docente, na voz dos familiares, e de outro, uma concepção acentuadamente negativa, na figura dos amigos.

A visão positiva é sustentada por idealizações, às vezes românticas, que mascaram uma realidade repleta de contradições. A satisfação tem como pilar: a beleza da profissão, sua importância, a gratificação inerente, a vocação pelo magistério e a contínua necessidade de professores no mercado de trabalho. Entre os alunos do curso de Pedagogia aparece a associação da profissão com o cuidar, o “dom” de trabalhar com criança, denotando, ainda, a feminilização desse campo profissional. E entre os dos Últimos anos, de ambos os cursos, manifesta-se uma postura mais crítica em relação ao papel docente, enquanto um agente de transformação e comprometido com a sociedade. Resultado que indica, mesmo que de forma frágil, o efeito da formação nos respondentes.

Ressaltamos, ainda, que a visão negativa transpareceu por meio da representação atribuída pelos respondentes aos amigos. Essa tendência pode desvendar uma “zona muda” (ABRIC, 2003; MENIN, 2006) das representações sociais, mostrando

uma permissão que os alunos se deram para avaliar mais livremente a profissão docente revelando seus temores e julgamentos negativos.

4 Discussão e considerações finais

Esta pesquisa partiu de um objetivo geral, decorrente do projeto do “xxx” (nome suprimido para não identificação), que buscou caracterizar as representações sociais dos estudantes do ensino superior sobre a identidade e o trabalho docente. Além disso, houve uma preocupação específica em relacionar a questão do trabalho docente com a formação de professores. A partir dessa meta, a presente pesquisa procurou analisar e comparar as representações construídas pelos alunos nas quatro sub-populações: cursos de Licenciatura e Pedagogia, Primeiros e Últimos anos.

Os dados analisados revelaram acentuadas semelhanças entre as representações de estudantes sobre a identidade e o trabalho docente em função do curso freqüentado e do tempo de permanência, não confirmando as hipóteses que previam diferenças nas representações dos estudantes entre os cursos de Licenciatura e Pedagogia e entre os Primeiros e os Últimos anos.

De acordo com os dados obtidos no EVOC, todos os respondentes entenderam que DAR AULAS é uma atividade do *professor* aos *alunos* para *ensinar* e/ou *educar* na *escola*, em *sala de aula* ou *classe*, e que deve ser feita com o *compromisso* e/ou *responsabilidade*. Sobre a palavra ALUNO, este foi representado como o que vai à *escola* em busca da *aprendizagem*, do *ensino* e *educação*, mas essa relação é marcada pelo conflito entre a *bagunça* do aluno e o *respeito* e a *disciplina*, suscitando o desejo de um aluno *amigo* e com *interesse*. Em relação às representações sobre Ser Professor, ainda no EVOC, apareceu como núcleo central relacionado à palavra PROFESSOR: aquele que *ensina/educa*, *ao aluno*, *na escola*, *como amigo*, *com responsabilidade e conhecimento*. Pelo Alceste, constatou-se que, entre a maioria dos alunos, houve apoio da família à escolha do magistério como profissão. No entanto, seus amigos disseram que não valia a pena ser professor apontando representações fortemente negativas dessa profissão. De forma geral, quando as representações foram projetadas nas falas dos familiares, predominou o discurso da profissão enquanto uma missão vocacional e do professor enquanto um “salvador” ou um “herói”. Quando foram os amigos os autores desse fictício discurso, a questão da precarização e desvalorização do trabalho docente passou a ser denunciada.

Diante destes resultados, uma das hipóteses da pesquisa que supunha que as representações de estudantes de cursos superiores de formação de professores sobre trabalho docente mostrariam modificações em função do tempo de permanência dos alunos nos cursos não se confirmou. Os Alunos de Últimos anos não apresentaram representações mais marcadas por conteúdos trabalhados nas disciplinas pedagógicas dos referidos cursos em relação aos alunos iniciantes.

Os resultados apresentados confirmam a hipótese de que os elementos centrais das representações do trabalho do professor poderiam ser comuns aos diferentes alunos e não provir de formação acadêmica e sim de elementos mais gerais da cultura brasileira.

Sendo assim, podemos dizer que os cursos formadores não tiveram uma influência decisiva sobre as representações dos alunos, confirmando o aspecto social da construção das representações sociais e a dificuldade de promover mudanças em seu núcleo central. Enfim, parece-nos que as representações que predominaram sobre o trabalho docente entre os estudantes foram aquelas que os mesmos já tinham antes de entrar no processo de formação profissional.

Concluimos, portanto, que é urgente que as instituições formadoras assumam a responsabilidade de rever e ressignificar o Projeto Político-Pedagógico dos cursos de Licenciatura e de Pedagogia de modo que cada uma das disciplinas, professores e atividades (prática de ensino, estágio) trabalhem a questão da construção da identidade do professor e das perspectivas do trabalho docente. Só assim, as hipóteses que formulamos terão validade e poderemos ver a construção de representações do futuro aluno, do trabalho docente, da escola ancoradas, também, em saberes teóricos necessários à profissão do professor.

Referências

ABRIC, J. C. La recherche du noyau central et de la zone muette des représentations sociales. In: ABRIC, J. C. (Org.). *Méthodes d'étude des représentations sociales*. Saint-Agne: ÉRÈS, 2003. p. 59-80.

ABRIC, J.C. A abordagem estrutural das representações sociais. In: MOREIRA, A. S. P.; OLIVEIRA, D. C. de (Orgs.) *Estudos Interdisciplinares de Representação Social*. 2 ed. Goiânia: AB, 2000. p. 27-38.

ABRIC, J.C. L'organisation interne des représentations sociales: système central et système périphérique. In : GUIMELLI, C. *Structures et transformations des représentations sociales*. Lausanne : Delachaux et Niestlé. 1994. p. 73-83.

- ARRUDA, A. Pesquisa em representações sociais: a produção em 2003. In: MENIN, M. S. S.; SHIMIZU, A. M. (Orgs.). *Experiência e Representação Social*: questões teóricas e metodológicas. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005. p. 59-92.
- CAMARGO, B. V. ALCESTE: Um programa informático de análise quantitativa de dados textuais. In: PAREDES, A. S. P. M.; CAMARGO, B. V.; JESUÍNO, J. C.; NÓBREGA, S. M. (Org.). *Perspectivas teórico-metodológicas em representações sociais*. 1 ed. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2005. p. 511-539.
- FLAMENT, C. Estrutura e dinâmica das representações sociais. In: JODELET, D. (Org.) *As representações sociais*. Rio de Janeiro: edUERJ. 2001. p. 173-186.
- FLAMENT, C. Aspects périphériques des représentations sociales. IN : GUIMELLI, C. *Structures et transformations des représentations sociales*. Lausanne : Delachaux et Niestlé. 1994. p. 85-115.
- GILLY, M. As representações sociais no campo da educação. In: JODELET, D. (Org.). *As representações sociais*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.p. 321-342.
- JODELET, D.(org.) *Representações Sociais*. Rio de Janeiro: UERJ, 2001.
- MENIN, M. S. S. Representação social e estereótipo: a zona muda das representações sociais. *Psic.: Teor. e Pesq.*, Brasília, v. 22, n. 1, 2006 . Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-37722006000100006&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 27 Fev 2008.
- MENIN, M. S. S. e SHIMIZU, A. M. *Experiência e Representação Social*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005.
- MOSCOVICI, S. *Representações sociais*. Investigações em Psicologia Social. Petrópolis - RJ: Vozes, 2003.
- NÓVOA, A. Formação de professores e profissão docente. In: NÓVOA, A. (Coord.) *Os professores e sua formação*. Lisboa: Dom Quixote, 1995a.
- NÓVOA, A. (org.) *Profissão Professor*. 2 ed. Porto, Portugal: Porto Editora, 1995b.
- NÓVOA, A. (org.) *Vidas de Professores*. 2 ed. Porto, Portugal: Porto Editora, 1995c.
- RANGEL, M. *"Bom aluno" real ou Ideal?* Petrópolis, RJ: Vozes. 1997.
- SOUSA, C. P. Estudos de Representação Social e Educação. *Psicologia da Educação*, São Paulo, n. 14/15, p. 285-324, 1º e 2º semestre de 2002.
- VELOZ, M. C. T.; NASCIMENTO-SCHULZE, C. M.; CAMARGO, B. V. Representações sociais do envelhecimento. *Psicologia Reflexão e Crítica*, Porto Alegre, v. 12, n. 2, p. 479-502, 1999.